

EVOLUÇÃO E ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA CULTURA DO FIGO NO ESTADO DE SÃO PAULO¹

Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco²

Celma da Silva Lago Baptistella³

Antonio Ambrosio Amaro⁴

Priscilla Rocha Silva Fagundes⁵

1 - INTRODUÇÃO

Em 2008 o Brasil foi o décimo produtor mundial de figo com aproximadamente 23.000 toneladas da fruta, sendo o Egito o maior produtor mundial, seguido de Turquia e Argélia (FAO, 2010).

O cultivo da figueira no Brasil baseia-se praticamente na plantação de uma única variedade, Roxo de Valinhos. O Rio Grande do Sul é o maior produtor brasileiro, seguido por Minas Gerais, ambos com produção voltada para industrialização. O Estado de São Paulo é o terceiro produtor nacional de figo, mas vale ressaltar que é o mais importante Estado produtor de figo de mesa do País (IBGE, 2009).

A forma de produzir permite que se obtenha, da mesma planta, a colheita de frutos em diferentes estágios de maturação, para consumo *in natura* colhe-se “maduro” e para industrialização em dois estágios (verde ou rami) (MAIORANO, 2010).

A produção de figo no Estado de São Paulo tem grande importância socioeconômica, é a terceira fruta mais plantada no Estado e a produção está concentrada na região de Valinhos. Foram identificados pontos diferenciais da região, como a elevada especialização da mão de obra; a difusão de conhecimentos de geração em geração pelos produtores e de um sistema de representações sociais; a capacidade de viabiliza-

ção, de forma sustentável, da pequena propriedade rural com emprego de mão de obra familiar; a capacidade de geração de empregos e renda; as possibilidades de conquista de novos nichos de mercado, dada a proximidade com os grandes centros urbanos; e, por fim, as articulações com outros setores da economia, sobretudo a agroindústria e o turismo (SILVA et al., 2006).

Dada a sua importância para o Estado e para a região onde está inserido, este trabalho tem como objetivo descrever a evolução da produção de figo no Estado de São Paulo entre os anos 1995/96 e 2007/08, com enfoque na área e produção do cultivo, na ocupação de mão de obra e na comercialização, a fim de disponibilizar dados suficientes da cultura para embasar futuras políticas públicas para o setor.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A fonte utilizada para obtenção dos dados analisados neste estudo foi o Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola (Projeto LUPA), realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), por meio da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e do Instituto de Economia Agrícola (IEA) em 2007/08. A unidade básica de levantamento, UPA, coincide na maioria das vezes com o imóvel rural, entendido como o conjunto de propriedades contíguas do mesmo proprietário.

Para auxiliar nas análises dos dados e sua aderência foram consultados o banco de dados IEA da subjetiva, os informes da Secretaria de Comércio Exterior, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Instituto Brasileiro de Frutas, comparados com os resultados de Francisco, Baptistella e Silva (2005).

Quanto aos dados de comercialização foram utilizados dados disponibilizados pelo SIEM CEAGESP (sistema de informação e estatística

¹Os autores agradecem à Natália Cruz de Sousa. Registrado no CCTC, IE-83/2010.

²Estatístico, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: veralfrancisco@iea.sp.gov.br).

³Socióloga, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: celma@iea.sp.gov.br).

⁴Engenheiro Agrônomo, Doutor (e-mail: amaro.pingo@gmail.com).

⁵Engenheira Agrônoma, Mestre, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: priscilla@iea.sp.gov.br).

de mercado da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP), entrevistas qualitativas com técnicos de mercado e atacadistas do Entrepósito Terminal de São Paulo da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (ETSP/CEAGESP).

3 - RESULTADO E DISCUSSÃO

Iniciada em 1972, as exportações de figo (fruta fresca) vêm atingindo volumes crescentes para países da Europa, com embarques médios anuais acima de mil toneladas, a partir de 2003 (Tabela 1). O Estado de São Paulo é o maior exportador brasileiro dessa fruta, as exportações são via aérea, devido à alta perecibilidade do fruto.

TABELA 1 - Exportações de Figo Fresco, Brasil 1972-2009

Ano	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$1.000)	Preço médio FOB (US\$/kg)
1972	4	2,8	0,76
1973	4	2,9	0,84
1974	4	3,0	0,78
1975	5	5,1	0,94
1976	9	9,0	1,04
1977	10	12,3	1,28
1978	19	28,6	1,51
1979	41	66,2	1,63
1980	83	143,4	1,72
1985	383	462,6	1,21
1990	540	591	1,09
1995	602	1.252	2,08
2000	771	1.355	1,76
2001	848	1.491	1,76
2002	966	1.770	1,83
2003	1.101	2.281	2,07
2004	1.362	3.154	2,31
2005	1.296	3.568	2,75
2006	1.423	4.676	3,29
2007	1.599	6.580	4,11
2008	1.645	7.248	4,40
2009	1.669	7.796	4,67

Fonte: Elaborada pelo autor com base em MDIC (2010).

A isenção de ICMS na exportação (13% sobre o preço FOB) a partir de 16/09/1996 (Lei Kandir) tornou o produto nacional mais competitivo no mercado internacional, atingindo países nos cinco continentes, alguns deles também produtores de figo.

Nesse ponto acrescenta-se o esforço dos produtores na melhoria da qualidade do figo, implantando em pomares cuja produção destina-

se ao mercado externo, sistemas de certificação como o GLOBALGAP (Boas Práticas Agrícolas) e PIF (Produção Integrada de Frutas).

O Levantamento das Unidades de Produção Agrícola 2007/08 aponta, em São Paulo, que os municípios produtores de maior importância são: Valinhos, Campinas, Louveira, Itatiba, Vinhedo, Bragança Paulista e Monte-Mor, com a principal produção voltada para consumo fresco, destinada tanto ao mercado interno quanto ao externo (Figura 1)⁶.

Após drástica redução na década de 1980, a produção estabilizou-se por volta de 7 a 8 mil toneladas no período 1996 a 2004 (Tabela 2). A área plantada em 2003 foi estimada em 489,7 ha, com 712 mil plantas (FRANCISCO; BAPTISTELLA; SILVA, 2005) detectadas em 201 UPAs (imóvel rural), apresentando aumento comparado ao levantamento 1995-96, quando totalizou 622 mil plantas em 451,7 ha (PINO et al., 1997). Tendência semelhante foi verificada entre os levantamentos de 1998-2003 (SÃO PAULO, 2003) e de 2007/08 que sumarizou 765 mil pés cultivados em 564,3 ha (SÃO PAULO, 2009).

Os principais problemas enfrentados pelos ficicultores, segundo Maiorano (2010), são nematóide, seca da figueira e expansão urbana, além desses também pode-se citar, em decorrência da expansão urbana, a escassez de mão de obra especializada, fatores que influenciaram as reduções de área e do número de pés de figo nas regiões produtoras a partir da década de 1980.

Embora no transcorrer das décadas o setor imobiliário não tenha deixado de buscar novas áreas para loteamentos, o município de Valinhos continua sendo o principal produtor de figo. Contudo, está ocorrendo deslocamento da atividade para cidades vizinhas, com aumento de área em Campinas e em municípios que apresentaram novos plantios como Monte-mor, Itatiba e Itupeva, assim como há uma tendência do cultivo em novas regiões tanto para produção de figo para mesa na entressafra (junho a outubro) como para produção de figo verde para indústria (Figuras 2 e 3).

⁶Segundo os dados de Previsão e Estimativa de Safra de figo do Instituto de Economia Agrícola, em 2010, o Estado de São Paulo apresenta aproximadamente 34 mil pés novos, 924 mil pés em produção e produção de 9,8 mil toneladas.

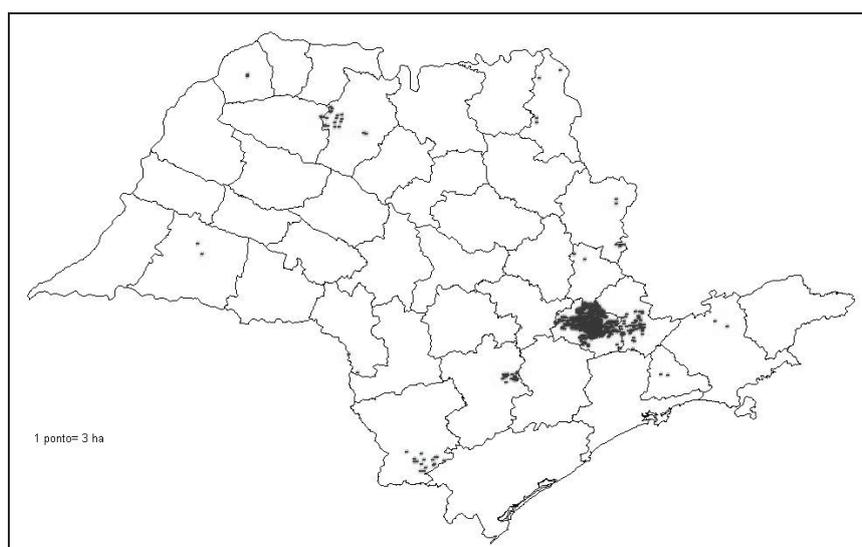


Figura 1 - Distribuição Geográfica da Área Plantada com Figo, Estado de São Paulo, 2007/08.
Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2009).

TABELA 2 - Produção de Figo, Estado de São Paulo, 1977/78 a 2008/2009

Ano agrícola	N. de pés (1.000) ¹	Produção		Rend. médio (engr./pé)
		1.000 engradados ²	Indústria (t)	
1977/78	2.000	6.950	5.700	4
1978/79	2.000	8.500	5.700	5
1979/80	2.285	11.010	5.800	6
1980/81	2.100	11.060	5.900	6
1981/82	2.100	11.010	6.400	6
1982/83	2.160	11.870	8.790	7
1983/84	2.100	11.296	4.020	6
1984/85	1.620	8.380	3.860	6
1985/86	1.647	8.726	5.400	6
1986/87	1.980	10.550	9.060	7
1987/88	2.067	10.240	8.220	6
1988/89	1.974	10.150	7.970	6
1989/90	1.900	10.308	7.825	7
1990/91	1.540	8.544	2.281	6
1991/92	1.355	7.637	4.223	7
1992/93	1.276	7.570	1.506	6
1993/94	931	6.313	-	7
1994/95	428	1.867	-	4
1995/96	402	1.698	-	4
1996/97	520	2.240	405	5
1997/98	699	2.870	892	4
1998/99	678	2.898	990	4
1999/00	679	2.424	450	4
2000/01	605	2.509	410	4
2001/02	543	2.123	800	4
2002/03	526	2.258	800	4
2003/04	519	2.019	320	4
2004/05	544	2.357	320	4
2005/06	742	4.501	-	6
2006/07	646	3.684	150	6
2007/08	620	3.779	250	6
2008/09	995	6.250	100	6

¹Número total: pés novos e em produção.

²Engradado é igual a 1,6kg.

Fonte: IEA (2010).

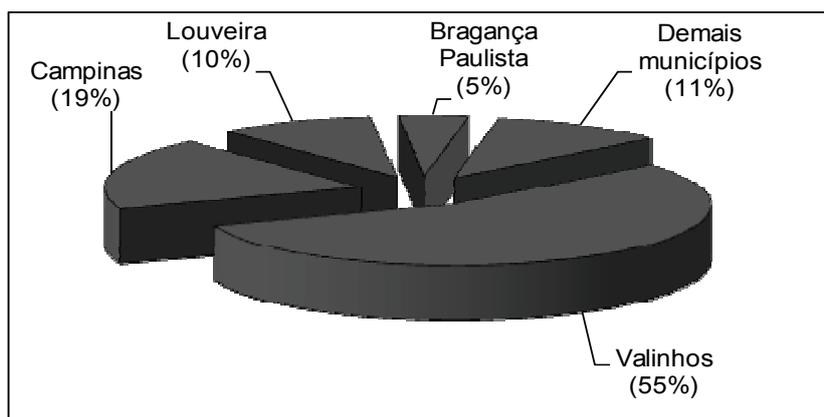


Figura 2 - Participação Percentual da Área Plantada com Figo, por Município, Estado de São Paulo, 1998-2003.
Fonte: Francisco, Baptistella e Silva (2005).

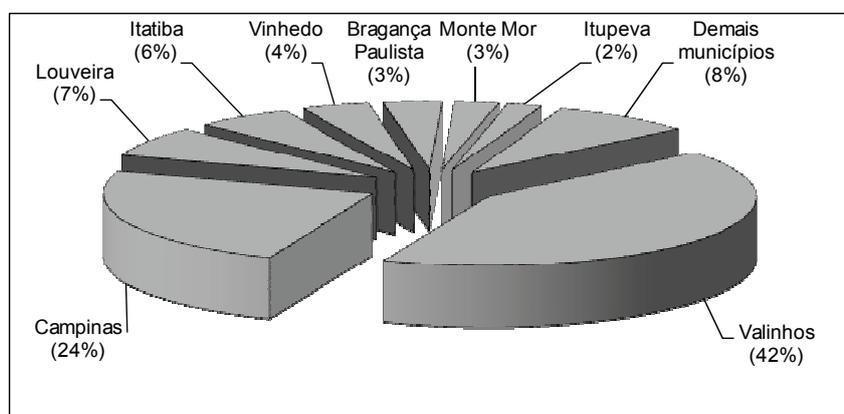


Figura 3 - Participação Percentual da Área Plantada com Figo, por Município, Estado de São Paulo, 2007/08.
Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2009).

A instalação de plantações dedicadas à produção de figo verde somente para indústria tem se constituído em outra opção, exigindo, porém maiores extensões de plantio e diferentes tecnologias por propriedade e sua colheita também se verifica durante a safra toda, em sucessivos repasses (média de 3 por semana).

Cerca de 80% das UPAs que cultivam figo se encontram em imóveis de tamanho entre 2 e 20 ha e, mais restritamente, 64% entre 2 e 10 ha. Ao examinar o tamanho da área cultivada com figo em cada UPA, verifica-se que 46% constituem pomares de tamanho até 5 ha. Se comparados aos 60% no levantamento de 1998-2003, pode-se admitir uma menor proporção de pomares grandes.

No último levantamento, entre as 193

UPAs com cultivo de figo, foram encontradas 65 unidades com área da cultura em arrendamento correspondendo a 217,1 ha.

Na safra 1962/63, segundo Amaro (1964), as propriedades produtoras de figo tinham em média cerca de 14,8 ha, sendo 20% dessa área (2,7 ha) com figueiras, em grande parte conduzidas em parceria. Nas regiões de Valinhos e Jundiaí, na década de 1980, cerca de 90% das propriedades produtoras de frutas eram menores que 20 ha e naquelas que cultivavam figo a área ocupada estava ao redor de 2,2 ha com exploração aproximada de 4 mil pés, necessitando em média de 5 a 7 pessoas para conduzir a cultura satisfatoriamente, o que era feito pelo sistema familiar e comumente por meeiros (MAIORANO, 1999).

Em 1995/96 a cultura de figo estava presente em 48 municípios no Estado de São Paulo, num total de 226 propriedades, perfazendo 559,5 ha com 749,8 mil plantas (PINO et al., 1997) e densidade de 1.340 pés/ha. Em 2007/08 foram registradas 193 propriedades, presentes em 38 municípios com 564,3 ha, 765,5 mil pés e densidade de 1.357 pés/ha (SÃO PAULO, 2009), verificando-se, portanto, redução no número de propriedades comerciais, consistentemente com a conjuntura econômica na região e adensamento de plantio, fato atrelado tanto à valorização da terra quanto ao avanço das tecnologias de produção (Tabela 3 e Figura 4).

Uma característica importante dessa cultura é a utilização da mão de obra familiar.

Em 1998-2003 eram ocupadas em média 6 familiares e 5 trabalhadores permanentes por UPA. No entanto, no atual levantamento o número de pessoas residentes nas propriedades que se dedicavam ao trabalho na cultura era de 4 e o de trabalhadores permanentes manteve-se em 5 pessoas, nota-se, portanto, que há tendência de diminuição de trabalhadores residentes nas propriedades de frutas, muitos trabalhadores deixaram de residir nas propriedades pela proximidade que as cidades hoje estão das zonas produtoras. Mais amiúde observa-se que 22% da área cultivada com figo está em propriedades sem trabalhadores familiares e com mais de 3 trabalhadores permanentes (Tabela 4).

TABELA 3 - Cultura de Figo, Estado de São Paulo, 1995/96 e 2007/08

Município	N. de propriedades		Área (ha)		N. de pés		Densidade de plantio (pés/ha)	
	1996	2008	1996	2008	1996	2008	1996	2008
Valinhos	116	92	256,3	239,1	454.210	333.180	1.772	1.393
Campinas	38	37	112,5	135,7	110.570	173.550	983	1.279
Louveira	4	3	6,9	40,5	12.300	42.500	1.783	1.044
Itatiba	5	4	51,3	32,5	68.040	46.500	1.326	1.431
Vinhedo	3	10	8,1	22,9	7.150	39.400	883	1.720
Bragança Paulista	2	3	16,4	19,5	16.200	34.000	988	1.744
Monte-Mor	0	1	0	14,5	-	18.000	-	1.241
Itupeva	0	1	0	12	-	25.000	-	2.083
Alambari	0	1	0	10	-	18.000	-	1.800
Monte Aprazível	0	1	0	9	-	10.000	-	1.111
Subtotal	168	153	451,5	535,7	668.470	740.130	1.481	1.472
Estado	226	193	559,5	564,3	749.861	765.500	1.340	1.357

Fonte: Pino et al. (1997) e São Paulo (2009).

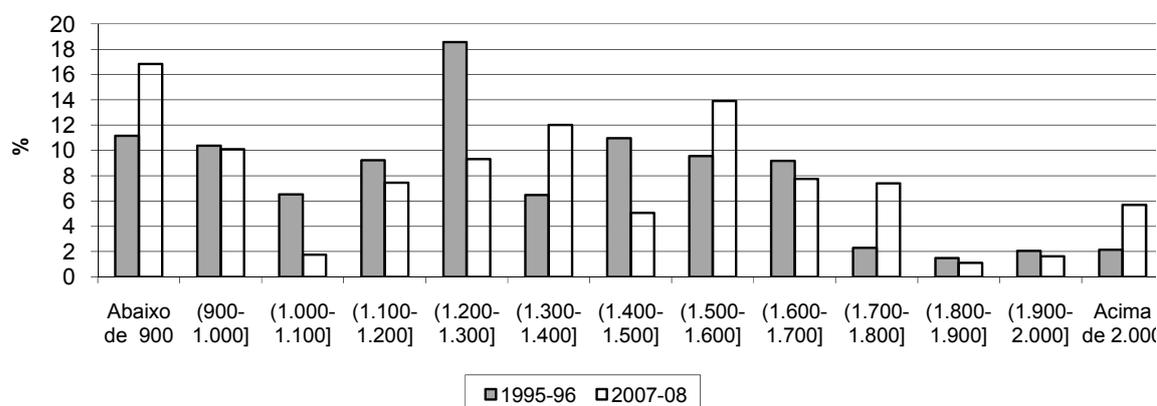


Figura 4 - Percentual da Área de Figo por Faixa de Densidade de Cultivo, Estado de São Paulo, 1995/96 e 2007/08.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em Pino et al. (1997) e São Paulo (2009).

TABELA 4 - Área Cultivada com Figo e Número de UPAs, por Categoria de Trabalho, Estado de São Paulo, 2007/08

Categoria de trabalhador	Sem trabalhador permanente		Um trabalhador permanente	
	Área com figo (ha)	UPA (n.)	Área com figo (ha)	UPA (n.)
Sem familiares	6,5	3	18,5	8
Um familiar	9,2	8	7,5	8
Dois familiares	12,6	12	2,6	5
Três ou mais familiares	126	51	13,5	5
Categoria de trabalhador	Dois trabalhadores permanentes		Três ou mais trabalhadores permanente	
	Área com figo (ha)	UPA (n.)	Área com figo (ha)	UPA (n.)
Sem familiares	20,8	7	126,2	23
Um familiar	27,6	7	56,7	10
Dois familiares	15,6	2	35,2	11
Três ou mais familiares	26,2	12	59,6	20

Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2009).

As categorias parceiro (meeiro)⁷ e arrendatário são encontradas em 37% das UPAs e nessas unidades, 33% delas produzem exclusivamente figo.

Na área cultivada com figo no sistema de monocultura ocorreu acréscimos se comparados ao levantamento de 1998-2003, de 31% para 47%, respectivamente (Figura 5). As culturas de goiaba e de pêssego já não apresentam cultivos tão comumente realizados como de figo. Atualmente, propriedades com combinações dessas duas ou três culturas representam cerca de 18% da área total paulista de figo, pois há um melhor aproveitamento da mão de obra, dado que a produção da goiaba ocorre na entressafra do figo e do pêssego, ou seja, um pouco antes do reinício da safra do figo.

Em 57% das UPAs, os proprietários são sindicalizados (destes 31% são produtores exclusivamente de figo). A assistência técnica oficial é utilizada pelos proprietários em 63% das unidades produtivas. A adubação mineral é realizada em 86%, a adubação orgânica em 88% e a adubação verde em apenas 10% das UPAs (Tabela 5).

Segundo atacadistas do ETSP-CEA-

⁷Meeiro é um sistema de parceria em que despesas com insumos e lucro ao final da safra são divididos meio a meio com o proprietário da terra que participa com a cultura já formada, enquanto a família do meeiro participa com todas as atividades de mão de obra. O meeiro geralmente habita a propriedade.

GESP, a valoração do figo no mercado interno é resultado do seu tamanho, cor e aparência. Quanto ao tamanho a classificação utilizada pelo mercado ainda é a mesma que descrita por Amaro (1972), relacionada à quantidade de frutos que cabem em uma gaveta denominada tipo, ou seja, tipo10, tipo 8 e tipo 6, este último, o mais valorizado. Quanto mais arroxeadada a coloração, uma característica da variedade, maior a aceitação. A aparência está ligada à integridade do ostíolo e à isenção de defeitos.

Outro entrave na comercialização da fruta foi detectada em 1999 na região de Valinhos, a mosca da fruta que deposita seus ovos na região do ostíolo, em início da maturação ou quando os frutos ainda estão verdes, ocasionando perdas para a cultura, mas com tratamentos culturais adequados os produtores conseguem controlar a praga, diminuindo seu impacto na ficicultura.

O ETSP-CEAGESP é o principal local de comercialização do figo paulista, com influência na formação de preço no mercado nacional e tem como principais destinos hipermercados, supermercados, quitandas, sacolões, feiras, frutarias e mercados especializados, inclusive CEASAs de outros estados.

Os dados do SIEM, da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais (CEAGESP), apontam que no ETSP-CEAGESP, desde 1990 até 2009 o volume comercializado foi superior a um milhão de engradados, com exceções em 2003 e 2004. Na década de 1980, esse volume

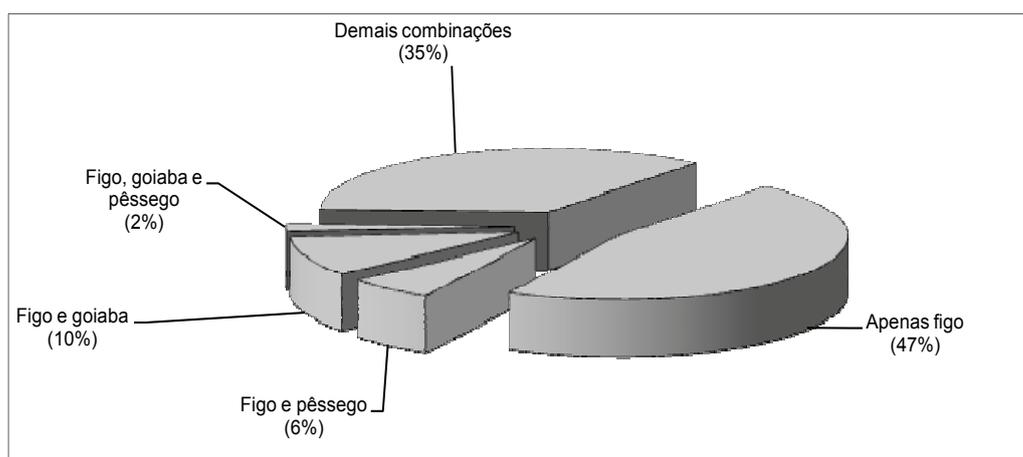


Figura 5 - Área Cultivada de Figo, Principais Combinações de Culturas com Figo, Estado de São Paulo, 2007-08.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2009).

TABELA 5 - Indicadores Socioeconômicos, Cultura do Figo, Estado de São Paulo, 2007/08

Indicador	Área com figo		UPA	
	ha	%	n.	%
Faz parte de Cooperativa	49,3	8,7	16	8,3
Faz parte de Associação	252,3	44,7	59	30,7
Faz parte de Sindicato	369,8	65,5	109	56,8
Utiliza assistência técnica oficial	295,6	52,4	120	62,5
Utiliza assistência técnica privada	316,8	56,1	66	34,4
Utilizou crédito rural	97,7	17,3	23	12,0
Faz escrituração agrícola	294,0	52,1	87	45,3
Utiliza computador na atividade agropecuária	186,0	33,0	41	21,4
utiliza técnicas de conservação de solo	367,0	65,0	130	67,7
Faz adubação mineral	508,8	90,2	165	85,9
Faz adubação orgânica	517,7	91,7	169	88,0
Faz adubação verde	99,0	17,5	20	10,4
Faz MIP	18,2	3,2	5	2,6
Acessa a Internet para fins na agropecuária	106,7	18,9	18	9,4

Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2009).

superava a dois milhões de engradados por ano (Tabela 6).

Esse comportamento mostra que as vendas efetivas do figo no ETSP estão estabilizadas, além do produto ser entregue diretamente aos supermercados.

Cabe ainda aduzir que na década de 1990 houve uma diminuição no tamanho das gavetas e, portanto, o número total de frutos foi substancialmente menor. Também, vem diminuindo a produção de figo para industrialização, a despeito do plantio de culturas para esse fim em regiões de terras mais planas e mais baratas.

Algumas indústrias não têm conseguido adquirir as quantidades programadas para serem processadas anualmente.

Com a migração da agroindústria CICA do Estado de São Paulo para o Estado de Goiás, na década de 1990, ocasionou no Estado de São Paulo queda na produção de figo para indústria, afetando também a comercialização do produto *in natura*, segundo Maiorano (2010). O Rio Grande do Sul, grande industrializador do produto, também importa figo paulista para abastecer sua agroindústria. Os Estados de Goiás e Minas Gerais também industrializam a fruta.

TABELA 6 - Volume de Figo Comercializado no ETSP da CEAGESP, 1982 a 2009

Ano	N. de engradados ¹ (1.000)
1982	3.086
1983	2.344
1984	2.471
1985	2.739
1986	2.223
1987	2.008
1988	2.235
1989	2.044
1990	1.610
1991	1.726
1992	1.529
1993	1.690
1994	1.828
1995	1.508
1996	1.109
1997	1.356
1998	1.136
1999	1.341
2000	1.190
2001	1.192
2002	1.073
2003	952
2004	831
2005	1.047
2006	1.130
2007	1.410
2008	1.242
2009	1.416

¹Engradado com 3 gavetas de 1,5 kg.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em CEAGESP (2010).

Quanto à importação, o mercado brasileiro importa apenas figo seco (ou passa de figo), geralmente da Turquia, Chile e Irã adquirindo ao redor de 800 toneladas no valor aproximado de pouco mais de dois milhões de dólares em 2009 (Tabela 7).

Na comercialização de produtos agrícolas ocorrem variações de preços entre os meses de colheita, cuja amplitude é determinada pelo grau de concentração estacional das vendas (oferta) pelos agricultores, pela possibilidade de conservação do produto em boas condições de armazenamento e pelos custos desta operação (AMARO; HARDER, 1999).

O figo é caracterizado pela sua alta perecibilidade, e sua comercialização no merca-

TABELA 7 - Importação de Figo Seco pelo Brasil, 2000-2009

Ano	US\$ (1.000)	Quantidade (t)	Preço (US\$/kg)
2000	975,0	884	1,10
2001	733,6	665	1,10
2002	544,3	389	1,40
2003	439,7	334	1,32
2004	637,0	535	1,19
2005	925,9	646	1,43
2006	1.095,2	682	1,31
2007	1.887,8	678	2,78
2008	1.903,6	422	4,51
2009	2.378,8	810	2,94

Fonte: Elaborada pelos autores com base em MDIC (2010).

cado interno, segundo técnicos do setor, não se utiliza de práticas pós-colheita como refrigeração e acondicionamento adequado, salvo algumas exceções de produtores diferenciados, que possam aumentar o tempo de prateleira da fruta. Esse fato influencia os preços que sofrem acentuadas modificações entre curtos espaços de tempo e mesmo entre dias.

Outra análise que pode ser feita a partir dos dados do Sistema de Informação e Estatísticas de Mercados da CEAGESP é que antes uma fruta essencialmente sazonal, graças ao desenvolvimento de tecnologias de produção, e a produção em áreas não tradicionais pode hoje ser encontrada durante todo o ano e o volume ofertado na entressafra vem aumentando nos últimos anos.

Estudos recentes têm revelado que preços mais elevados são observados em setembro, outubro e novembro e preços mais baixos em fevereiro e março. Em janeiro, abril e maio os preços também se mantêm abaixo da média anual.

A relativa estabilidade dos preços de fevereiro a maio pode ser explicada pelas entradas de outras frutas no mercado, particularmente de caqui, tangerina cravo e laranja lima, aumentando a concorrência. Nessa época, o figo já se apresenta com menor qualidade e o consumidor passa a preferir "as novidades da época"⁸.

⁸Da mesma forma para índices mensais, também entre dias da semana, ocorrem flutuações nos preços de figo.

De modo geral, quando se considera o preço como a variável mais importante, sábado foi o melhor dia para vender figo no mercado atacadista de São Paulo, seguido da sexta-feira. O inverso ocorreu as terças, quartas e segundas (AMARO, 1972).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O figo é uma cultura de grande importância socioeconômica para o Estado de São Paulo, mesmo com a forte pressão imobiliária sofrida na região onde está tradicionalmente inserida a cultura, não apresentou redução em sua área, e principalmente em sua produção. Como alternativa para o alto custo da terra e com o avanço da tecnologia de produção houve adensamento da cultura, o que demonstra investimentos em tecnologia de produção.

É uma cultura típica de pequena propriedade, produção familiar e exigente em mão de obra que gera emprego e renda para a região produtora.

Ao analisar a evolução da cultura nos últimos anos nota-se que a comercialização atrelada à alta perecibilidade do fruto apresentam-se ainda como um dos principais gargalos da cadeia do figo, e investimentos em pesquisas em pós-colheita, colheita e tendências de mercado do figo são importantes para garantir a competitividade do ficultor tanto no mercado interno quanto no externo.

LITERATURA CITADA

AMARO A. A. **Uma análise de comercialização de figo em São Paulo**. 1972. 71 p. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1972.

AMARO, A. A. Comercialização de figo na região de Valinhos. São Paulo: IEA, 1964. Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/rea/1964/asp16-64.pdf>. Acesso em: 28 out. 2009.

_____; HARDER, W. C. Comercialização do figo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE A CULTURA DA FIGUEIRA. 1., 1999, Ilha Solteira **Anais...** Campinas: FEAGRI/CATI, 1999. p.185-211.

COMPANHIA DE ENTREPÓSITOS E ARMAZÉNS GERAIS DE SÃO PAULO - CEAGESP. **SIEM/CEAGESP**: sistema de informação e estatística de mercado da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP). São Paulo: CEAGESP, 2010. (mimeografado).

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **Statistical database**. Rome: FAO, 2010. Disponível em: <http://faostat.fao.org>. Acesso em: 10 nov. 2010.

FRANCISCO, V. L. F. S.; BAPTISTELLA, C. S. L.; SILVA, P. R. A cultura do figo no estado de São Paulo. **Destques**. São Paulo: IEA, maio 2005. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=2314>. Acesso em: 28 out. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 nov. 2009.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Banco de Dados**. São Paulo: IEA, 2010. Disponível em: http://ciagri.iea.sp.gov.br/bancoiea/subjetiva.aspx?cod_sis=1. Acesso em: 10 nov. 2010.

MAIORANO, J. A. Figo. in DONADIO, L. C. et al.(Org.). **História da fruticultura paulista**. Jaboticabal: SBF, p.173 a 184, 2010.

_____.; Importância Econômica da Figueira no Estado de São Paulo: cultura da figueira do plantio à comercialização. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE A CULTURA DA FIGUEIRA. 1., 1999, Ilha Solteira **Anais...** Campinas: FEAGRI/CATI, 1999. p. 17 a 24.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. Secretaria de Comércio Exterior - SECEX. **Sistema de análise das informações de comércio exterior - Aliceweb**. Brasília: SECEX/MDIC, 2010. Disponível em: <http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2010.

PINO F.A. et al. (Orgs.). **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do estado de São Paulo**. São Paulo: IEA/CATI/SAA, 1997. 4 v.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do estado de São Paulo**. São Paulo: CATI/IEA/SAA, 2003 (mimeografado).

_____. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Projeto LUPA 2007/2008**: levantamento censitário de unidades de produção agrícola. São Paulo: CATI/IEA/SAA, 2009.

SILVA, P. R. et al. A importância do Pólo Frutícola Bandeirante no agronegócio paulista. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, E SOCIOLOGIA RURAL. 44., 2006, Fortaleza. **Anais...** Brasília: SOBER, 2006. CD-ROM.

EVOLUÇÃO E ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA CULTURA DO FIGO NO ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO: O Brasil é o décimo produtor mundial de figo, tornando-se exportador da fruta fresca, porém importador de figo seco. O Estado de São Paulo é o maior produtor nacional de figo de mesa. Este estudo apresenta informes atuais da cultura do figo no Estado de São Paulo na área e produção do cultivo, nos aspectos socioeconômicos e na comercialização, além de descrever a evolução da produção de figo no Estado de São Paulo entre os anos 1995/96 e 2007/08 com enfoque na área e produção do cultivo, na ocupação de mão de obra e na comercialização, a fim de disponibilizar dados suficientes da cultura para embasar futuras políticas públicas para o setor. A fonte utilizada para obtenção dos dados foi o Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola (Projeto LUPA), realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), por meio da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e do Instituto de Economia Agrícola (IEA) em 2007/08. Mostra-se que existem 765 mil pés cultivados em 564,3 há distribuídos em 193 unidades de produção agropecuária, a maioria das quais de tamanho inferior a média estadual, ou seja, 64% entre 2 e 10 ha. Trata-se de cultura com uso intensivo de mão de obra. Finalmente, quanto à comercialização nota-se que não houve grandes mudanças nos últimos anos.

Palavras-chave: censo agropecuário, figo, produção, comercialização, ocupação de mão de obra.

SOCIOECONOMIC ASPECTS OF FIG PRODUCTION IN SAO PAULO STATE BRAZIL

ABSTRACT: Despite being the tenth largest fig producer and an exporter of fresh fig, Brazil is an importer of dried fig. The state of Sao Paulo is the largest producer of table fig. The present study reports on the current fig crop in this state, analyzing crop area, crop production, labor occupation and marketing. In describing the evolution of fig production in this state over 1995/1996 and 2007/2008, this article seeks to provide sufficient data to help guide future public policies. Data were drawn from the Census Survey of Agricultural Production Units (Project LUPA), conducted by the Department of Agriculture and Supply (SAA) through the Technical Assistance Coordination Integral (CATI) and the Institute of Agricultural Economics (IEA) in 2007/08. Results show that 765 thousand trees are planted on 564.3 hectares, divided into 193 units of agricultural production - most of which smaller than the state's average, i.e., 64% between 2 and 10 hectares -, that fig crops require intensive use of labor and that no major changes occurred in marketing activities in recent years.

Key-words: agricultural census, fig, production, trade, labor occupation, Sao Paulo state.

Recebido em 18/11/2010. Liberado para publicação em 21/01/2011.